

Valéria Cristina Pereira da Silva *Geografia, Literatura e Arte*, v.2, n.2, p. 146-172, jul./dez.2020  
DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2020.169348

## A GEOGRAFIA SERVE, ANTES DE TUDO O MAIS, PARA FAZER A VIAGEM: REAL E IMAGINÁRIA<sup>1</sup>

GEOGRAPHY' FUCTION IS, ABOVE ALL, TO MAKE THE TRIP: THE REAL ONE AND THE IMAGINARY ONE

## LA GEOGRAFÍA ES, ANTES DE TODO, HACER EL VIAJE: REAL E IMAGINARIO

*Valéria Cristina Pereira da Silva*<sup>2</sup>

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil

**Resumo:** Neste artigo retomo a trama essencial entre geografia, viagem e literatura, vislumbrando que tal entrelaçamento está presente na origem da Geografia e manteve-se na construção do saber geográfico como um tripé articulado, resultando em pontos de força significativos e pujantes. A relação entre geografia, viagem e literatura também é vista a partir da obra de escritoras, poetisas e viajantes como Cecília Meireles, Sophia de Mello B. Andresen e Clarice Lispector. Tal convergência teve a finalidade de destacar que, tanto no trabalho de geógrafos como no de não geógrafos, o tripé geografia, viagem e literatura consiste e se mantém numa vinculação essencial, considerando também suas interfaces real e imaginária. Por fim, apresento a experiência pessoal entre o olhar e a narrativa, que faz a viagem geradora e aglutinadora de sentidos e, quando narrada, torna-se um meio de ressignificação e difusão porque a viagem é a experiência de um espaço outro, real e imaginária em si mesma.

**Palavras-chave:** Geografia; Literatura; Narrativa de viagem

**Abstract:** In this article, I'm brick back again the special plot among geography, literature and journey glimpse of the interlacing is present at Geography' source and stayed at organization of geography knowledge as an articulated tripod resulting in significant and powerful points of force. The relation among Geography, travel and literature is also see from the poetry, travellers and writer works as Cecília Meireles, Sophia de Mello B. Andresen and Clarice Lispector. This convergence intents highlights this connection among geography, journey and literature at geographical and non-geographical works, holding a special vinculation, considering her real and imaginary interfaces. At last, I present a personal experience between narrative and look generating and agglutinating senses and, when narrated turn itself in a way of ressignification and diffusion of this senses, because the journey is a experience of other space, real and imaginative by yourself.

---

<sup>1</sup> Tema apresentado no Sigeoliterat "Entre viagens reais e imaginárias" -2019- Trabalho vinculado ao projeto: Geografia e Arte: por uma epistemologia do espaço imaginário e as convergências simbólicas da paisagem.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Goiás, Professora vinculada ao LAGICRIARTE – Laboratório de Geografia, Imaginário, Criatividade e Arte do IESA/UFG – Instituto de Pesquisas Socioambientais, onde desenvolve pesquisas ligadas aos temas: Imaginário da Cidade, Geografia e Literatura, Paisagens Imaginárias e Ontologia do Espaço, Cultura e Sensibilidades Contemporâneas.

**Keywords:** Geography; Literature, Trip's Narrative.

**Resumen:** En este artículo vuelvo a la trama esencial entre la geografía, el viaje y la literatura, mostrando que tales entrelazamientos están relacionados al origen de la Geografía y se ha mantenido en la construcción del conocimiento geográfico como un trípode articulado, resultando ser puntos de fuerza significativos y poderosos. Las relaciones entre la geografía, viajes y literatura también se pueden ver en las obras literarias de las escritoras, poetas y viajantes Cecília Meireles, Sophia de Mello B. Andresen y Clarice Lispector, dicha convergencia tenía el objetivo de resaltar que, así como en el trabajo de geógrafos y el de no geógrafos, el trípode geografía, viajes y literatura, consiste en mantener un vínculo esencial considerando también su interface real, así como, la imaginaria. Finalmente, presento la experiencia personal entre la visión y la narración que hace que, un viaje que forma y une sentidos, cuando narrado, se convierte en un medio de resignificación y difusión porque el viaje es una experiencia que da un espacio a otro, real o imaginario en sí mismo.

**Palabras claves:** Geografía; Literatura; Narrativa de Viaje.

## 1. INTRODUÇÃO

O título deste trabalho evoca a obra emblemática e impactante de Yves Lacoste<sup>3</sup>, mas invertendo *a guerra*, enquanto verdadeira vocação da geografia para o tema da viagem, tomada aqui como fundamental no processo do conhecimento geográfico, pois, antes de fazer a guerra, é possível que a geografia tenha feito a viagem ou tenha feito ambas ao mesmo tempo, uma em decorrência da outra. Principalmente quando se reconhece na *Odisseia* de Homero uma viagem geográfica e literária que envolve o retorno de Odisseu à Ítaca após a Guerra de Troia. A citação que o título deste trabalho evoca faz também referência à geografia política, mas, quando olhamos para o mundo hoje, percebemos que não é mais possível falar de política sem abordar também a cultura<sup>4</sup>, o que permite conjecturar a possibilidade de, num futuro não muito distante e numa tensão dialética, que o geógrafo cultural e o político, se já não o são, tornarem-se a mesma figura em favor da integração entre cultura e política. A viagem sobressaiu-se como a grande experiência geográfica e a geografia mais antiga que se tem conhecimento, segundo autores clássicos e contemporâneos da Geografia, como apresentados por La Blache

---

<sup>3</sup> LACOSTE, Yves. A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Obra lançada na década de 1970.

<sup>4</sup> Essa afirmação ampara-se em trabalhos de geógrafos como Moïsi (2009) que aborda a forma como as culturas reordenam o mundo, criando uma geopolítica das emoções ou ainda o trabalho do geógrafo israelense Nimrod Luz (2017) que aborda questões político-culturais do mundo árabe-israelense.

(1904), De Martonne (1953)<sup>5</sup>, ou ainda Lévy (2006) e Brosseau (2013) ao fazerem referências à Odisseia de Homero como a geografia mais antiga que temos conhecimento e nela estariam plasmadas literatura e geografia, tendo como foco central a viagem, ao mesmo tempo real e imaginária.

Desse modo, busco neste ensaio, lembrar alguns importantes viajantes, Ulisses ou Odisseu através de Homero na antiguidade, Humboldt na modernidade e, sobretudo, relacioná-los como pontos de força no que corresponde a envolvimento entre viagem, geografia e literatura. Todavia, este texto não consiste numa retomada ou síntese histórica das origens do encontro entre geografia e literatura, pois parto das que já foram realizadas por Lévy (2006) e Brosseau (2013). O objetivo deste trabalho é mostrar as relações essenciais existentes entre geografia, viagem e literatura tanto no trabalho de geógrafos como de não geógrafos, pois na literatura essa trama também se faz presente. Assim, nesta perspectiva, busco trazer as experiências de viajantes, poetas e escritoras tais como Cecília Meireles, Sophia de Mello B. Andresen e Clarice Lispector e a dimensão geográfica que, por meio da viagem, geram narrativas e sentidos.

Ao final do texto, faço, a partir de um percurso fenomenológico, a apresentação de um episódio de minha própria experiência como viajante, a percepção proporcionada por uma viagem à Tunísia, o vivido e sua miríade de sentidos.

Homero e Humboldt, Cecília Meireles, Sophia Andresen e Clarice Lispector, talvez possamos traçar a natureza tanto poética como geográfica da viagem e uma ontologia do espaço em ambas (literatura e geografia) mediada pelo advento da viagem entre o olhar e a narrativa. E ainda, como geografia e literatura se constroem enquanto partilha de uma mesma visão articulada sobre o mundo, ou seja, a grafia da terra –*geografia*.

A viagem sempre engloba em suas dimensões pares dialéticos: o real e o imaginário, o conhecido e o desconhecido, a partida e o retorno e está tramada na geografia e na literatura desde tempos imemoriais, sendo este um tema de começo, um tema iniciático.

---

<sup>5</sup> Segundo De Martonne (1953), para os Alexandrinos, o primeiro geógrafo foi Homero. Os poemas homéricos e as crônicas de Heródoto, que também relatam viagens, contemplariam descrições geográficas que podem ser concebidas com uma geografia regional plena de registros. De Martonne (1953) recupera essas raízes longínquas da Geografia e estabelece a relação que vai de Homero à Humboldt.

## 2. GEOGRAFIA, VIAGEM E LITERATURA: UMA TRAMA ESSENCIAL

Se a geografia mais antiga de que temos conhecimento encontra sua gênese numa obra literária, *A Odisseia* de Homero, podemos conjecturar que Geografia e Literatura nasceram unidas como gêmeas siamesas e trazem em comum, neste caso, o tema da viagem. Voltar a essas origens pode significar voltar às essências da geografia como forma de conhecimento, inclusive lembrando suas flexíveis e variadas formas de abordagem, assim como, pode conter, principalmente, um significado simbólico: o de que a geografia nasceu não apenas numa obra literária e cultural, mas num texto de caráter profundamente sensível e mitopoético; pois, para Brandão (1986), de modo mais radical, a *Odisseia* não se trata de literatura, mas de mito. Ao analisar a obra de Homero (2010), confirma-se que o panteão grego rege a viagem em total proximidade e intimidade com homens, como a relação entre a deusa Atena e Telêmaco em sua viagem em busca de Odisseu. Assim, essas origens da geografia são muito significativas, pois, como afirma Brosseau (2013), o interesse e a relação dos geógrafos para com a literatura não são novos, mas sempre foram deveras marginais.

A geografia, então, teve sua origem na antiguidade vinculada à viagem e à literatura, mas também na modernidade, com Alexandre von Humboldt, observamos essa relação também presente. Esse foi um geógrafo e expoente que, dentre tantos domínios de saberes que reunia e até mesmo artísticos, foi um sensível observador e viajante. Na sua obra *Cosmos* há diversas passagens que se referem à literatura como possibilidades de ver além:

[...] Semelhante espetáculo da natureza ficaria incompleto, se não considerássemos a maneira que se reflete no pensamento e na imaginação, presente nas impressões poéticas. Um mundo interior se revela a nós, que exploraremos como faz a filosofia e a arte, para distinguir em nossas emoções o que pertence a ação dos objetos exteriores sobre os sentidos e o que emana das faculdades da alma. (HUMBOLDT, 1875, p. 121-122)<sup>6</sup>

Humboldt é visto como um artista viajante, detentor de uma alta sensibilidade para quem tanto a literatura como a pintura faziam parte da sua geografia elaborada no contexto da viagem. Brosseau (2013) apresenta um panorama crítico dos desdobramentos

---

<sup>6</sup> Extraído da versão Castellana, tradução livre da autora.

entre a Geografia e a Literatura e cita que Paul Vidal de La Blache e Humboldt fazem um convite para que nos voltemos à literatura, principalmente o artigo *La géographie de l'Odysseé* escrito por La Blache, assim como, nos capítulos dedicados à literatura e à pintura na obra *Cosmos* de Humboldt. Nessas duas obras clássicas citadas que envolvem, cada qual a seu modo, a geografia e a literatura, sublinhamos também o tema da viagem. Lévy (2006) apresenta uma síntese histórica para a Geografia e Literatura, recolocando a relação entre os dois saberes no quadro epistemológico da Geografia e precisando pontos de referência que vão dos clássicos aos contemporâneos. Por sua vez, inicia também remontando à geografia grega e sua herança literária, cita Strabon para quem o primeiro geógrafo foi Homero e coloca em destaque a obra de Humboldt e Eric Dardel.

Lévy (2006) considera o método de Humboldt hermenêutico, intertextual e comparativo. Para quem a literatura era vista como uma fonte de imaginação científica e de estimulação intelectual que permitia alcançar o sentimento da natureza e destacar a importância dos códigos culturais e convencionais da linguagem. Assim, a obra de Humboldt é marcada pelo poético, pelas influências do romantismo alemão e seus elementos simbólicos, tal qual os sentimentos e a natureza que culminaram no que se denominou linguagem das flores. A relação de Humboldt com a literatura e com a viagem faz encontrar as maravilhas do mundo sensível, a natureza e a cultura, o eu e outro.

Humboldt, neste mesmo espírito romântico, impulsionou as artes visuais<sup>7</sup> influenciando artistas viajantes a encontrarem no mundo tropical, por exemplo, um modelo de paisagem que possibilitaria a ultrapassagem da simples experiência visual, atingindo um nível profundo de contemplação. A experiência da viagem em Humboldt foi também fazer a poesia e a paisagem encontrarem-se na medida do olhar, possibilitando surgir em qualquer tempo e lugar a *Flor Azul*<sup>8</sup> e o seu lirismo para reunir-se com o profundo, o transcendente numa espécie de êxtase estético que opera uma epifania dos sentidos.

---

<sup>7</sup> Ver artigo sobre Humboldt: *Brasileira Iconográfica*. Disponível em: <https://www.brasileiraiconografica.art.br/artigos/20230/alexander-von-humboldt-cientista-e-explorador>. Acesso em 17 abr. 2020.

<sup>8</sup> Barbosa (2018, p. 7) apresenta-nos em sua investigação que a flor azul simboliza o ideal da poesia romântica, originada na obra de Novalis como expressão inaugural do romantismo alemão e celebrada como o encontro com o sublime. A busca da flor azul é o percurso incondicional do homem em direção ao poético. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/152429/148998>. Acesso em 25 de abril de 2020.

A obra de Humboldt (1875) está permeada pelo poético, as descrições físicas fundem-se com encanto e o mistério porque, para Humboldt (1875), seria subtrair da dignidade humana operar apenas com uma visão cientificista do mundo. Como o naturalista-romântico, para ele a imaginação precedia as descobertas.

Fácil seria recolher o vasto conjunto de obras testemunhos da emoção que lhes causam a natureza. Este sentimento, sem obstáculo se revela através da opção de compará-las e não devemos delinear os quadros que se apresentam ao olhar independente da narração e nem mesmo deter o curso dos acontecimentos para repousar a contemplação da natureza e sua vida surpreendente. É verdade que os grandes poetas líricos do século XIII cantam o amor [...] falam do doce mês de maio, do canto do rouxinol, do orvalho que brilha sobre as flores do arvoredo, mas sempre é a presença dos sentimentos que parecem refletir essas imagens. Se quer expressar impressões melancólicas, o poetas nos faz pensar nas folhas secas, no silêncio das aves e no campo oculto pela neve. As mesmas lembranças se repetem incessantemente. (HUMBOLDT, 1875, p. 141-142).<sup>9</sup>

Outro elemento a ser destacado na relação presente entre geografia, viagem e literatura na obra de Humboldt é também que a sua própria escrita sobre os lugares, torna-se, por vezes, também uma narrativa poética ou plasmada de tonalidades literárias:

Louvam a vista que desfruta, quando coberta por nuvens de uma grande extensão de planícies. Sabem que um véu vaporoso e semidiáfano tem um encanto misterioso, que a imagem do infinito une o mundo dos sentidos com o mundo das ideias e das emoções. A natureza, como disse Schellin em seu discurso poético sobre as artes, não é uma massa inerte; é para aquele que sabe penetrar na sua sublime grandeza. (HUMBOLDT, 1875, p. 48-49).<sup>10</sup>

De acordo com Lévy (2006), Humboldt também recorreu a Homero para sinalizar o conhecimento, a paisagem e os deslocamentos no mundo antigo, pois a literatura era considerada por Humboldt a grande fonte de imaginação científica, de estímulo intelectual e de influência tanto nos desejos, como nas ações. Assim, da *Ilíada* de Homero, Humboldt destacou a poesia bucólica e a tradição pastoral das antigas regiões presentes nos poemas homéricos.

Os poemas homéricos, então, foram emblemáticos tanto para a literatura como para a geografia e, além de Humboldt, estiveram presentes também na importante geografia lablachiana. La Blache (1904) apresenta o trabalho *La géographie de l'Odysée*, no qual examina a obra *Os fenícios e a Odisseia* de Victor Bernard, que fora um geógrafo e um viajante. La Blache (1904) faz uma retomada crítica da própria obra de Bernard e dos debates ao longo da história travados pelos autores antigos e modernos que

---

<sup>9</sup> Extraído da versão Castelhana, tradução livre da autora.

<sup>10</sup> Extraído da versão Castelhana, tradução livre da autora.

se debruçaram sobre a Odisseia, bem como as controvérsias sobre o fundo real x imaginário. Observa que as viagens e errâncias de Ulisses poderiam ocorrer sobre um fundo real, mas o tempo e os lugares não podem ser confundidos e tal investigação necessitaria de uma geografia histórica comparada e de também buscar, como o próprio Ulisses, uma experiência pessoal dos lugares e dos homens, ou seja, demarcava a importância não apenas de considerar as camadas de temporalidade dos lugares, mas considerar os sentidos humanos e os hábitos, bem como a imaginação antropológica do poeta. Desse modo, deixa em aberto, a seu tempo, as possibilidades que atam a geografia e a literatura e, também, a viagem através do tema da Odisseia.

De maneira simbólica, a circularidade com a qual destacamos aqui a *Odisseia*, enquanto uma obra literária que detém o imaginário viagem e a origem emblemática do geográfico, constitui a intenção de amarrar uma trama arquetípica e essencial. Se somos viajantes, somos então um pouco como Ulisses, em qualquer tempo e lugar, seja qual for a odisseia.

### **3. ESCRITORAS, POETAS E VIAJANTES: UMA OUTRA GEOGRAFIA**

Busco, de maneira relacional e sintética, apresentar olhar e o sentido da viagem presentes em Cecília Meireles, Sophia de Mello Breyner Andresen e Clarice Lispector, autoras que trazem de modo profundo a experiência, o espanto e o encantamento do mundo. Essas autoras foram escolhidas para esta reflexão primeiro porque elas reúnem o poético e o geográfico através da viagem e, segundo, porque são autoras que de alguma forma se “encontram” através da poesia e da narrativa dos lugares: Cecília e Sophia tem em comum a viagem e, por meio desta, de maneira muito significativa a paisagem do mar que está presente na obra das duas autoras. “No universo de Sophia, trata-se da aglutinação da sua própria viagem ao espaço do mediterrâneo que povoa a obra, do mito do eterno retorno e do rito de passagem [...]” (LANGROUPA, 2004, p.202). Conforme seu diário de bordo, Meireles (2015) também realizou a primeira viagem à Portugal de navio e o mar tornou-se um tema para ela tanto como paisagem, quanto como metáfora da eternidade e do absoluto. Dedicou muitos poemas e crônicas às viagens e ao mar, tal qual vemos em Meireles (1983, 1999, 2016a, 2016b). Assim, a relação de Sophia e Cecília com a viagem e com o mar são igualmente profundas. Conforme Langrouva (2004), Sophia, além de ter o mar como seu próprio espaço, pois viajou no Mediterrâneo e no

Atlântico, também o tem como espaço geográfico cuja origem está na antiguidade helênica, na Odisseia. O mar tanto sintetiza como está entronizado na poética do espaço e da viagem ao longo da obra de Sophia “[...] pela presença permanente do mar com todos os seus mundos vivências, metaforizações e alegorizações, viagens, espantos e esperas” (LANGROUPA, 2004, p.177). No registro poético de sua viagem ao Brasil<sup>11</sup> nos anos de 1960, Sophia também encontra a mesma Brasília recém-inaugurada que Clarice Lispector visitara e ambas detêm um “olhar estrangeiro” naquela enigmática cidade, até porque naquele momento todos eram estrangeiros em Brasília. Cada qual, ao seu modo de olhar e registrar, escrevem sobre as suas impressões. Comparar esses textos poéticos que têm a viagem e o sentido dos lugares como foco é também um modo de aproximar Sophia Andresen, Clarice Lispector e Cecília Meireles; a viagem, a literatura e a geografia.

Sophia Andresen e Clarice Lispector, assim como Cecília Meireles são grandes escritoras e poetas que estabeleceram com os lugares e as paisagens vividas algo muito próximo do que poderíamos chamar de *viagem geográfica* ou, ainda, a viagem que resulta no trabalho cuidadoso do olhar. De certo modo, a forma como essas autoras relacionaram-se com os lugares e paisagens visitadas indica que a experiência da viagem, sobretudo, na obra de Sophia e Cecília é fundamental para nutrir a escrita literária.

Cecília Meireles, por sua vez, é acima de tudo uma viajante. De acordo com Moraes (2006), a poeta e cronista remete-nos sempre ao universo movente que exige envolvimento e meditação, a viagem que propõe é assim geográfica e existencial. Observadora arguta e poeta, Cecília articula, sem esforço, nos caminhos trilhados entre viagem e criação literária. As suas viagens podem ser traçadas tanto na *carta geográfica nacional* como no *mapa-múndi*, como afirma Moraes (2006), e cobrem boa parte do globo. Cecília não fora jamais uma turista, mas verdadeiramente viajante e isso está registrado nas suas crônicas de viagem, tais como Meireles (1999), e nos ensina que a arte de admirar é também uma arte de amar e de descobrir.

Sophia de Mello Brayner Andresen, poeta portuguesa consagrada entre os mais importantes daquele país, também foi uma viajante e aqui trataremos, sobretudo, de um livro cujo título é muito emblemático: *Geografia*. Essa obra reúne um conjunto de poemas

---

<sup>11</sup> SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN (s/d.). Disponível em: <http://purl.pt/19841/1/1960/1960-2.html>. Acesso em 07 jul.2015



relacionados à viagem de Sophia ao Brasil e, em especial, um poema referente a sua visita à Brasília.

Dessas obras e autoras célebres, podemos aprender muitas lições sobre a viagem e seus sentidos e apreender através delas uma *outra geografia*, que tem a qualidade do deslocamento unida à sensibilidade do olhar para o qual o resultado são impressões e registros que se transformam em narrativas pungentes, perenes, senão eternas.

Viagem e narrativa têm também em si relacionadas a percepção dos lugares, somadas à imaginação e à memória. Conforme Prada (2002), a poética de Cecília Meireles, por exemplo, tinha uma forma associativa com a qual ela olhava o mundo e o retinha na memória ao narrar sobre sua infância e o seu modo de olhar exprimia o mundo variado visto através do prisma da memória e do imaginário. Tal repertório *mnemónico-imaginário* associado aos sentidos transformava o contato com o mundo. Nas viagens também há um mundo prismático, multifacetado que brilha e oscila cores conforme a sensibilidade. Tais autoras tinham plena consciência da qualidade do olhar e da presença do verdadeiro viajante nos lugares. Essa percepção oferece, inclusive, uma bagagem simbólica para aprofundar o que compreendemos como olhar geográfico. Os lugares são fontes de encontro com o outro, de inspiração, de conhecimentos e reconhecimentos e, também, de doação.

Quem passeia os olhos pela vasta produção poética de Cecília Meireles encontra aqui e ali títulos de versos que fazem alusão à viagem. Poemas como *Canção do Caminho*, *Turismo*, *Itinerário*, *Excursão*, *Passeio*, *Despedida*, *Saudade*, *Postal*, *Balada de Ouro Preto*, *Paisagem Mexicana*, e tantos outros e mesmo seus livros estampam o assunto: *Viagem* (1939) *Doze noturnos de Holanda* (1952). O que faz da viagem a grande força dentro da obra. (MORAES, 2006, p.7).

Os poemas trazem um lugar, uma paisagem e são construídos na articulação entre percepção, imaginário e memória; paisagem e lugar, espaço e tempo e a tessitura inextrincável desses elementos. Observamos essas impressões nas poéticas de Cecília e Sophia:

#### **Madrugada na Aldeia**

Madrugada na aldeia nevosa,  
Com as glicínias escorrendo orvalho,  
Os figos prateados de orvalho  
As uvas multiplicadas em orvalho,  
As últimas uvas miraculosas

O silêncio está sentado pelos corredores,  
Encostado às paredes grossas,  
De sentinela.

E em cada quarto os cobertores peludos envolvem o sono:  
Poderosos animais benfazejos, encarnados e negros.

Antes que um sol luarento  
Dissolva as frias vidraças,  
E o calor da cozinha perfume a casa  
Com lembrança das árvores ardendo,  
A velhinha do leite de cabra desce as pedras da rua  
Antiquíssima, antiquíssima,  
E o pescador oferece aos recém-acordados  
Os translúcidos peixes,  
Que ainda se movem, procurando o rio (MEIRELES, 1983, p. 87)

### **Descobrimento**

Um oceano de músculos verdes  
Um ídolo de muitos braços como um polvo  
Caos incorruptível que irrompe  
E tumulto ordenado  
Bailarino contorcido  
Em redor dos navios esticados

Atravessamos fileiras de cavalos  
Que sacudiam suas crinas nos alísios  
O mar tornou-se de repente muito novo e antigo  
Para mostrar as praias  
E um povo  
De homens recém-criados ainda cor de barro  
Ainda nus ainda deslumbrados.  
(ANDRESEN, 2010, p. 77).

No primeiro poema acima, Cecília Meireles, de acordo com Goldstein (2002), retratou a aldeia *Moledo de Penajóia* em Portugal, numa viagem realizada em 1934. Os versos recriam a paisagem e a vida no vilarejo e trazem o tipo humano, o período da manhã e até a estação do ano e as condições climáticas, Goldstein (2002), ou seja, nas imagens estão também a paisagem e seus sentidos. No segundo poema de Sophia de Melo B. Andresen, na obra *Geografia*, o capítulo *Brasil ou do outro lado do mar*, a autora retoma o tema do descobrimento para revelar também uma paisagem imaginária do Brasil. Nesse poema há corte no espaço-tempo, uma paisagem que contém sujeitos e subjetividades em trânsito.

Os dois poemas percorrem a paisagem nos seus sentidos e trabalham a matéria com reflexão e beleza. Neles a relação com o mundo é estética, real e imaginária. Há recortes a partir do olhar de paisagens que são, ao mesmo tempo, fotografias do

imaginário e articulação dos sentidos. No espetáculo do mundo, diante do seu tecido concreto, aflora a música essencial do lirismo. Na perspectiva de Cecília, a tônica dessas paisagens poéticas é andar “à procura do espaço para o desenho da vida” (MEIRELES, 1982, p. 153).

Os dois poemas, porém, falam de perspectivas de lugares pelo olhar do viajante. Portugal e Brasil, mundos próximos, quando consideramos a língua e a história da colonização, mas ao mesmo tempo distantes, separados pelo oceano. Além das impressões sensíveis dos lugares, por meio de viagens, do mar como paisagem e como símbolo existencial, essas duas argutas autoras também compartilham um modo de contemplação do vivido, imerso no mistério e na eternidade. Emanam uma luminosidade transcendente e diáfana. Tais traços estão presentes nas obras dessas autoras, como afirmam Langrouva (2004), Moraes (2006), Prada (2002), Goldstein (2002), Santi (1999) e outros críticos.

Ninguém melhor do que poetas-viajantes para escavar a fundo os sentidos que os espaços evocam na alma.

Quando também contrapomos o poema de Sophia de Mello Breyner Andresen e a prosa poética de Clarice Lispector, encontramos, dentre tantas distinções e variações, uma essência. De acordo com Gotlib (2008), Clarice Lispector também fora uma viajante, tendo o registro de suas viagens em vários países da Europa e na África, longas viagens às quais durante muito tempo fez na companhia do esposo Gurgel Valente que era diplomata. Gotlib (2008) traz fotos, cartas e impressões de Clarice Lispector sobre os lugares e suas viagens, bem como o período que se instalara em Berna na Suíça. Considerados esses dados biográficos, todavia, Clarice para quem “as palavras eram o seu domínio sobre o mundo”, (BRASIL, 2002, p. 09), os lugares e paisagens na sua obra são profundamente interiores e nem sempre se deixam revelar ou ver completamente ou simplesmente localizar. Porém, os dois textos que ela dedica a Brasília: *Brasília* e *Brasília: Esplendor* são bem demarcados e consistem numa visão ontológica da cidade e, ao mesmo tempo, uma síntese e um monumento literário a Brasília. Trata-se de uma poética em prosa de densa pluralidade semântica, a que várias teses não seriam capazes de esgotar (ver SILVA (2010a; 2010b)). Vou tomar para essa reflexão um pequeno

recorte que se tornou cinematográfico<sup>12</sup>: “Nunca vi nada igual no mundo. Mas reconheço essa cidade do mais fundo do meu sonho” (LISPECTOR, 1999, p.42).

Isso de dizer “do mais fundo do meu sonho”, dentre tantas possibilidades, pode significar o reconhecimento de uma cidade profunda, arquetípica e que, de algum modo, já visitamos em sonho, já habitamos algum dia e perdemos, mas, ao mesmo tempo, é uma cidade que reconhecemos. Não será que esse sentido também é partilhado com as imagens presentes no olhar e na poética de Sophia Andresen (2010) que a vê como grega e brasileira?

### **Brasília**

Brasília  
Desenhada por Lúcio Costa, Niemeyer e Pitágoras  
Lógica e lírica  
Grega e Brasileira  
Ecumênica  
Propondo aos homens de todas as raças  
A essência universal das formas justas

Brasília despojada e lunar como a alma de um poeta muito  
Jovem  
Nítida como Babilônia  
Esguia como um fuste de palmeira  
Sobre a lisa página do planalto  
A arquitetura escreveu sua própria paisagem

O Brasil emergiu do barroco e encontrou o seu número

No centro do reino de Ártemis  
- Deusa da natureza inviolada -  
No extremo da caminhada dos candangos  
No extremo da nostalgia dos candangos  
Athena ergueu sua cidade de cimento e vidro  
Athena ergueu sua cidade ordenada e clara como um  
Pensamento

E há no arranha-céus uma finura delicada de coqueiro.  
(ANDRESEN, 2010, p.80)

Lispector (1999) vê em Brasília a imagem do espanto inexplicado, para ela a criação não era uma compreensão, mas um novo mistério. É aprofundando no mistério que a escritora escava a paisagem recém-construída de Brasília na década de 1960. A

---

<sup>12</sup> Curta-metragem intitulado *Brasilários* (1986) elaborado a partir da narrativa de viagem de Clarice sobre Brasília. BRASILÁRIOS. Direção: Sérgio Bazi, Zuleica Porto. Produção: Cláudio Pereira. Brasil: Synapse Produções, 1986. 16mm (11min), son., color.

cidade é agressiva, não há onde esbarrar – uma cidade para cegos ou na qual sua luz branca causa a cegueira. Para Lispector (1999), a cidade é linda e nua, no seu texto cortante vê-se ao mesmo tempo o encantamento e o desfibrar irônico. Sob o fascínio que a cidade lhe causa, esconde-se uma profunda crítica pois “Brasília é o fracasso do mais espetacular sucesso do mundo. Brasília é uma estrela espatifada” (LISPECTOR, 1999, p. 46).

A Brasília de Clarice Lispector é enigmática, árida, lunar e fantasmática; ela vê o invisível da paisagem e a sua sensibilidade faz emergir os silêncios do espaço. Clarice é dura e profunda, sua poética descarna, desencaixa e constata, apesar de todo maravilhamento de esfinge que há em Brasília, falta magia.

A poesia de Andresen (2010) parece ser um total contraponto a essa visão lispectoriana de Brasília, pois, para ela, a cidade é lógica e lírica. Porém, quando analisamos as duas percepções poéticas sobre a paisagem de Brasília, para além das distinções que evidentemente há de estilo, de texto, algumas essências dessa paisagem podem ser mapeadas: a sensação de despojamento apontada por Andresen (2010) converge com várias imagens fantasmáticas de aridez registradas por Lispector (1999). Também as evocações míticas da cidade, Babilônia é uma imagem trazida por Andresen (2010) para representá-la. Já Lispector (1999) a vê como Roma, mas no sentido final das ruínas, ambas articulam tais imagens como sinônimo da confusão e do caos, da decadência anunciada. Nos dois textos também há uma evocação essencial de que existe nessa Brasília um sentido helênico de antiga civilização, tais imagens simbólicas convergem para ideia de cidade arquetípica. No poema de Andresen (2010), ainda que Brasília seja um *pensamento sobre a página lisa do Planalto* e a apresente como uma poética cheia de luzes e vidros em que emana claridade, há vários pontos de convergência com a tempestade de imagens que traz Lispector (1999), como ela mesma diz é a atração dessa cidade que a assusta. Andresen (2010) também não se esquecera dos candangos, da sua caminhada, da sua nostalgia. Seu poema é nítido e revela um outro ponto essencial: a arquitetura criou sua própria paisagem. Nesse aspecto também, de diferentes modos a crônica de Clarice (1999) apresenta-nos imagens dessa cidade, especificidades e elementos da paisagem com sentidos.

Distintas autoras, diferentes viagens, sensibilidades cruzadas e sentidos compartilhados, os mesmos lugares para narrativas únicas e essências que podem ser reconhecidas. Eis o trabalho do olhar, o papel do viajante e o sentido da viagem.

#### 4. O SENTIDO DA VIAGEM: EXPERIÊNCIA E NARRATIVA

Perguntamo-nos o que é a viagem e qual o seu sentido? Na Literatura, observamos que a viagem sempre fará sentido. E para a Geografia? A Geografia teve ao longo do tempo, marcadamente, seu conhecimento construído através de viagens de descoberta e, já no início do século XX, deparou-se com um mundo todo cartografado e cada vez mais conhecido por meio de dispositivos tecnológicos. A terra tornou-se um globo todo conhecido, assim, o que significa, hoje, uma *viagem de descoberta* quando a tecnologia tentacular de nossa época coloca lentes em todos os cantos?

A paisagem sempre muda, sempre adquire novos significados a partir do olhar. Como afirma Claval (2012), frente à paisagem o geógrafo é ativo e cada geógrafo tem uma tarefa diante da paisagem e com as questões do seu tempo, assim, enquanto houver mundo, haverá viagem e, portanto, haverá essa abordagem geográfica. E se este *homo viator* for sensível às paisagens que vê haverá também literatura.

Porém, deter-me-ei no chamado olhar geográfico, nas possíveis bagagens que esse olhar contém, na sensibilidade capaz de unir geografia e literatura na deslocação que consiste na viagem. A viagem no século XXI é interior e exterior, rumo a outra sensibilidade que filtra e burila para traduzir o visto e o lembrado. Unir o visível ao imaginado e articular um infinito feixe de palavras para dar forma ao que descobriu. Segue colhendo impressões e, ao mesmo tempo, palavras que as revelem são um dispositivo contra o esquecimento. De acordo com Reckert e Centeno (1983), quem viajou e não articulou a poética dos sentidos sobre o mundo não viajou de fato, apenas cumpriu um roteiro turístico, pois “toda viagem é aprendizagem, seja qual for o seu propósito consciente e quem não aprendeu não viajou: deslocou-se apenas” (RECKERT; CENTENO, 1983, p. 20). Jacinto (2015), num belo texto, aborda a relação entre geografia, literatura e viagem e apresenta-nos que o cerne e o elo entre a literatura e geografia é viagem: “A viagem está para o escritor como o trabalho de campo para o geógrafo, pois este como ‘o viajante anda à descoberta do que não se sabe, tem correr seus riscos’[...]”. Jacinto (2015) tem como tema a geografia de Portugal segundo José Saramago e, para o autor, “o viajante não é turista, é viajante” (JACINTO, 2015, p.21). Em consonância com essa afirmação, observamos que há claras distinções entre o turista e o viajante. Não se trata de uma questão de roteiro, do tamanho ou mesmo do tempo da

viagem, mas de práticas, gestos, aprendizagens e até mesmo uma educação para com o outro, com o desconhecido e um traço essencial do viajante, de acordo com os autores com os quais dialogamos, é o que da viagem resultam crônicas, relatos, documentos, narrativas, a história recontada em prosa ou poesia – o feixe de símbolos – que convidamos a refletir no percurso dessa viagem e sobre o modo como ele vem à tona.

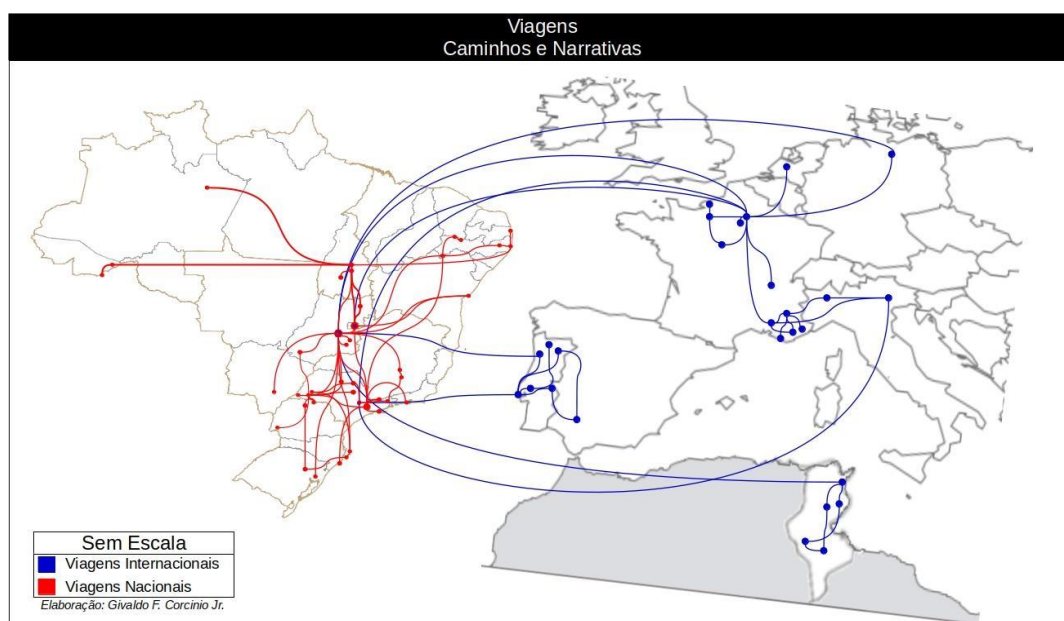
Ianni (2003) traz também uma contribuição para compreendermos os sentidos da viagem que, como realidade ou metáfora, atravessa a história dos povos: “O imaginário está povoado de viagens presentes, pretéritas, futuras, envolvendo viajantes, crônicas, relatos, narrativas, documentos, comprovantes, coisas gentes e signos” (IANNI, 2003, p. 14). Desse modo, a viagem, o viajante e a sua narrativa têm a potencialidade de revelar o tempo todo o conhecido e o desconhecido, o próximo e o distante e compreendem muitas significações simultâneas, complementares e, ao mesmo tempo, paradoxais. São também, segundo Ianni (2003), um modo de descobrir o outro ou a si mesmo, pois, ao inventar o outro, recriamos a nós mesmos. Muitas são as formas de viagem em busca do desconhecido, contudo, para toda viagem que se destina a ultrapassar fronteiras há um ser em travessia também em busca de reafirmação, em busca de uma identidade. E, por vezes, para o viajante, esse processo de ir em busca do lugar seguindo um destino é muito importante. Como afirma Jacinto (2015), os lugares perdidos e esquecidos podem ser os mais fascinantes, ternos e emotivos e que aprendemos por fim, que mais importante que o próprio o destino é a viagem.

A construção do sentido por meio do olhar é um caminho para a qualidade do ver que gera a *ver-dade* e a viagem é sempre a (re)descoberta de um espaço-tempo que gera a invenção de um mundo vivido que nos faz ser. Assim, o sentido da viagem está em nós e é geracional, demiúrgico, instaurador de mundos. Não por acaso, no campo literário, a metáfora da viagem a transporta para muitos domínios da existência, Pimenta (1983) aborda a viagem, que literalmente é a deslocação voluntária do corpo no espaço e no tempo, faz-se metáfora em três vastos lugares da tradição retórica e literária para os quais a vida é uma viagem, a morte é uma viagem e a própria obra é uma viagem. No domínio geográfico, a viagem de conhecimento e desconhecido, de certo modo, é também uma viagem de existência.

Assim, neste tópico, venho também narrar minha experiência como viajante através do fazer fenomenológico para qual não existe divisão entre o sujeito e o objeto, assim apresento a viagem geográfica também como viagem de existência e como viagem

afetiva em um mapa dos itinerários inter cruzados de espaços e tempos como linhas do vivido.

**Figura 1 - Mapa – Viagens, caminhos e narrativas**



Elaboração e Organização: CORCINIO Jr, Givaldo Ferreira e SILVA, Valéria Cristina Pereira da, 2019.

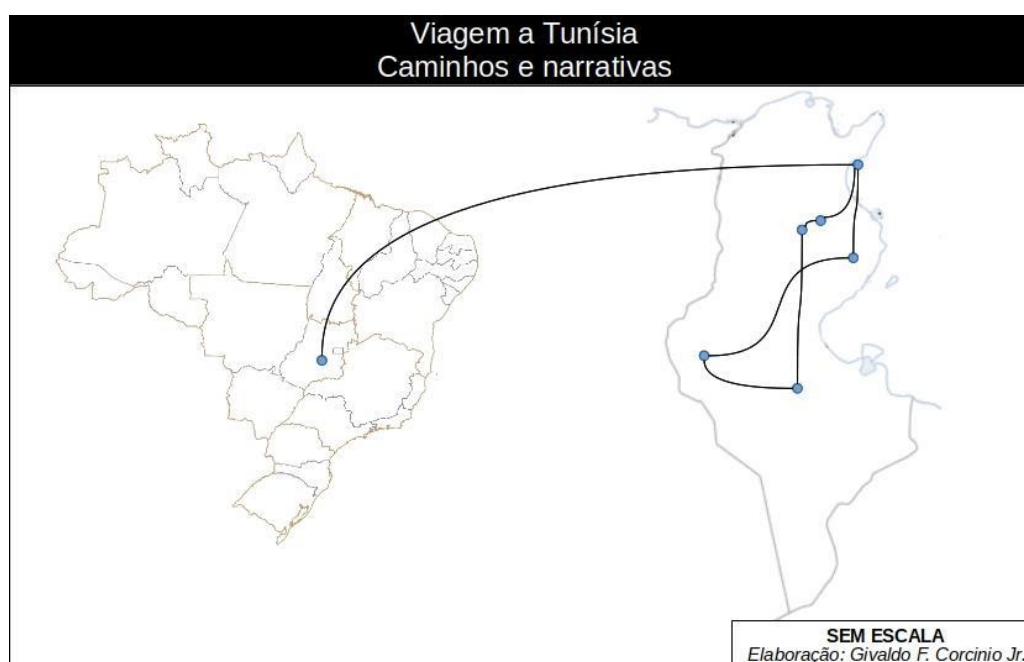
A meu ver, a melhor forma de conhecer continua sendo a viagem como deslocamento espaço-corporal, porque as fronteiras, essas linhas imaginárias, só se tornam reais quando as cruzamos. Quando vamos a um país, a um lugar, por mais que já o tenhamos pesquisado antes em fontes documentais, em imagens virtuais, o visto e vivido *in loco* altera a relação de conhecimento, pois nunca o representado supera o vivido. Hoje, uma parte dos meus escritos é dedicado a relacionar a experiência da viagem ao imaginário e isso se dá em forma de relatos, notas, poemas e artigos que mesclam reflexões teóricas com a experiência desses campos, enquanto olhar estrangeiro, tais como Silva (2015a, 2015b, 2017). Nesse recorte, apresentarei uma breve narrativa da viagem realizada à Tunísia<sup>13</sup> em 2018. Detenho-me na observação da paisagem, no exercício de olhá-la apenas com dois compromissos: a leveza e a visibilidade enquanto valores narrativos, como estabelece Calvino (1990). Uma narrativa em que importa menos o roteiro e a breve descrição dos lugares do que o sentido que essas paisagens

<sup>13</sup> Esta viagem ocorreu em ocasião do 3º Congresso Internacional do CRI-2i – *Centre de Recherches Internationales sur L'Imaginaire*, ocorrido em Hammamet, Tunísia entre 5 e 11 de março de 2018. Ao término do evento havia um trabalho de campo, ao qual embarquei, que consistia numa expedição pelo país.



tiveram, destaco que as singularidades vistas fazem ainda mais fantástico aquilo que compreendemos por maravilhoso. Tal viagem ocorreu numa itinerância de três dias, conforme o mapa 2, na qual passamos por um conjunto de paisagens magníficas que me fizeram confrontar o meu próprio imaginário árabe. E, embora tenha encontrado as lâmpadas maravilhosas com as quais sonhei durante toda vida, no lugar do gênio encontrei-me com o vento. Encontrei também com o oásis e o deserto e um mundo muçulmano que ainda não tinha visto.

**Figura 2 - Mapa – Percursos Tunisianos**



Elaboração e Organização: CORCINIO Jr, Givaldo Ferreira e SILVA, Valéria Cristina Pereira da, 2019.

## **5. TUNÍSIA – PAISAGENS DO VENTO**

A Tunísia, esse país da região do Magreb no Norte da África, tem como língua o árabe, o berbere e também o francês e este último facilitou a comunicação, mas mesmo quando não nos é dado conhecer o idioma do país, ainda assim, podemos ouvir, sentir e ler a linguagem do espaço que o geógrafo bem conhece. Ler as frases inteiras da paisagem com seus signos, na forma de casas, ruas e rios; cidades, campos, pontes e monumentos com suas temporalidades e sentidos.

No percurso, saímos de Hammamet onde estávamos instalados e fizemos a primeira parada em Al Qayrawn, a cidade onde se localiza a magnífica Mesquita de Al

Qayrawn, um patrimônio da Unesco, ali a imagem das cidades tunisianas começou a se compor em seus traços e características. Ao observar as cidades, vê-se que os ambientes construídos dão à paisagem três tons predominantes: o azul, o branco e o areia. O azul, porém, é fascinante, de tom único que repete as nuances de um céu sublime, do mais puro azul royal numa tarde ensolarada e sem nuvens, em que sopra o vento. A combinação de tons de branco, azul e areia parece mesmo a combinação harmoniosa entre natureza e cultura que predomina naquelas cidades. Uma tintura feita com os pincéis do próprio vento. As janelas, portas e portais em arco possuem grafismos e cores que imprimem um toque artístico nas paisagens urbanas. Facilmente essas imagens de janelas e portais e seus detalhes tornam-se um souvenir. Oferecem-se com encanto ao olhar, como uma renda delicada ou um verniz transparente aplicado sobre cores vibrantes: laranja, vermelho, verde, azul tornam as edificações icônicas e ornamentam as fachadas em construções, as quais podem ser vistas diretamente da rua.

Viajamos por várias zonas entre cidades, aldeias, oásis e o deserto do Saara. Territórios ora marcados por dispersão, ora por densidade em vastas zonas áridas, mas com predominante presença das tamareiras e o cultivo das oliveiras. Essas paisagens, em alguns pontos ao longo do trajeto estavam, porém, salpicadas de lixo, sobretudo de embalagens plásticas nos terrenos, sobre as cactáceas que o vento agitava esvoaçando ao decorrer do caminho. Essa cena gerou um triste sentimento de similitude com algumas paisagens brasileiras, às vezes somos parecidos naquilo que não desejaríamos. Os traços culturais, porém, muito distintos permitem assinalar muito mais diferenças do que similitudes. Em Tozeur, por exemplo, o comércio e a feira apresentam aspectos que reconhecemos como similares, mas há nítidas diferenças não apenas nos produtos e na forma de negociar, mas nos modos e nas práticas de organização. Por exemplo, o grande cesto de pães que fica exposto diretamente na calçada, à beira da rua como um feixe dourado de trigo descoberto. Belos e compridos pães e baguetes oferecem-se em meio a uma série de outros artefatos, pois a cidade comercial é também uma paisagem-artefato. Artefatos do imaginário árabe como as lâmpadas de Aladim são bem presentes nesses bazares onde se encontram janelas, louças, narguilés, miniaturas de dromedários e os mais variados objetos notáveis. Outros artigos muito comuns que estão em qualquer comércio são os *hijabs*, *bukars* e *achechs*, ou seja, os lenços e tecidos básicos da vestimenta de vários tunisianos que, em uso ou expostos, aquarelam a paisagem e são também como o vento, esvoaçam em toda parte.

A paisagem tunisiana revestiu-se como um outro mundo. Os reconhecimentos talvez estivessem presentes apenas em nosso imaginário. Espaços como o deserto e o oásis são paisagens surpreendentes e muito distantes daquelas que povoam o nosso imaginário.

Em Tozeur, o oásis e a cidade se confundem e uma paisagem vegetal apresenta-se com várias espécies de plantas e muitas tâmaras douradas. Aliás, as tamareiras também são como o vento e estão em toda paisagem tunisiana fazendo parte daquela atmosfera. O oásis, porém, detinha muitas outras plantas, outros frutos como os figos; a presença da figueira traz a alusão a um jardim edênico; o magnífico cedro do Líbano. Na parte vista do oásis havia uma fonte formando um riacho de águas claras e salgadas, num lugar muito sombreado e refrescante onde ventava um vento brando tal qual um vergel na primavera em que a tranquilidade do arvoredo e sons do vento tocando as folhas fazem um dueto com a sonoridade da fonte que jorra suavemente. Senti que o oásis desperta mais forças míticas do que impressões cinematográficas.

Dentro do oásis havia ainda um Museu – *Dar Cherait Museum* – que detinha réplicas de obras de arte variadas e miniaturas de monumentos do mundo todo, como uma espécie de exposição pedagógica da cultura universal. Foi surpreendente encontrar no oásis um museu, mas o mais significativo, porém, não foram as peças em exposição, mas sim aquela construção no oásis e ainda mais a própria cidade oásis. O deserto, por sua vez, também não é apenas uma continental extensão de areia em dunas e planícies. A paisagem está cheia de signos: homens montados em dromedários, cursos d'água com afloramentos de sal, rosas do deserto esculpidas pelo vento cujo martelo e cinzel fabricam no Saara as mais belas rosas de cristais, rosas de vento.

**Figura 3** - Deserto do Saara – rosas do deserto e minas d'água salina.



Fonte: Fotografias de autoria de Valéria Cristina Pereira da Silva, março de 2018.

O deserto é uma paisagem modelada pelo vento e, no jogo de silêncio e sonoridade, o vento canta numa linguagem de assovio uma melodia triste que, ao entardecer, anuncia o crepúsculo e conta-nos uma história sobre a noite no deserto. Só quem sabe sentir o lamento do vento, o queixume e a beleza misteriosa do seu canto compreende a sua voz. O vento emite uma mensagem do tempo que sopra também em nossas emoções. Esse mesmo vento arenoso nos envolve como uma manta ao sol do meio-dia e a noite nos reveste como seda fria bordada de estrelas. A noite no deserto é sempre iniciática. Vemos as mesmas estrelas em que os primeiros homens reconheceram a luz divina. A noite no deserto é de solidão e abraço, assim talvez não seja apenas pelo equívoco determinista que os investigadores do passado<sup>14</sup> atribuíram aos povos do deserto as religiões monoteístas, pois o deserto faz sentir um frêmito de existência que nos percorre ao toque do vento. Na escuridão, com os olhos voltados para o céu, é como se as estrelas também nos tocassem através do vento. Cantos do vento ao anoitecer no deserto e os jogos de sons e silêncios vibram na noite dos sentidos. Por vezes, num sussurro triste e rodopiante, o vento canta em pura linguagem ancestral e rompe o tempo dentro de nós. Fazemos, então, parte de um reconhecimento arquetípico para o qual a solidão não é trágica, ela está amparada. A experiência de ser amplia-se pela presença do vento, pelo brilho das estrelas.

Fomos recebidos com festa no deserto. Sob uma tenda iluminada, um banquete se estendia à nossa frente e sob nossos pés estava um tapete com várias lâmpadas. O prato

---

<sup>14</sup> Ver Moraes (1995, p.58) sobre E. Semple e as associações da religião com o relevo.

principal foi um cordeiro preparado à moda do lugar, cozido num jarro de cerâmica enterrado na areia sob o fogo. Para ser servido, o jarro era quebrado e havia cálices também de cerâmica para o vinho que acompanhava a iguaria. Havia simbolismo e magia nesse jantar. O cordeiro e o ritual de preparo da comida, a refeição após a jornada no deserto, a tenda e as lâmpadas na areia, a reunião e a partilha, o jarro e o vinho. A noite no deserto foi uma imersão que permitiu relembrar a noite dos tempos, nas religiões dos chamados povos do livro, e o que ela tem de inspiração e epifania como a experiência existencial que abordara Campbell (1990). No oásis e no deserto, desconstruí imagens e as reconstruí entre o encontro do outro e as minhas referências atualizando os sentidos da viagem.

Visitamos ainda a fantástica casa berbere e a aldeia de Chebika com suas ruínas melancólicas, pois toda ruína é a lembrança de um fim, uma mensagem do passado para o futuro e, assim, vi aquelas construções que pareciam uma vila de terra de ocre, ao longe, como imagem onírica, uma mensagem tanto do oásis como do deserto de que o vento e o tempo são capazes de tudo erodir e ruir.

A Casa Berbere na região de Matmata é também chamada de casa troglodita em alusão à habitação nas cavernas, pois é escavada diretamente na rocha, portanto telúrica e portadora de muitos símbolos como o peixe azul no portal de entrada. O fato de ser uma casa subterrânea, telúrica já concentra variadas possibilidades de estudos de cunho geográfico-histórico-cultural, como paisagem simbólica e imaginária conforme preconizam os estudos sobre a terra e a poética do espaço de G. Bachelard (1993, 2003, 2008). A visão da casa berbere é surpreendentemente marcada por sua singularidade, suas portas lembram uma colmeia e o formato uma arte de bioconstrutores. É aconchegante e bem decorada em seu interior. A decoração é uma mescla de estilos étnico-regional e contemporâneo que combina lanternas de gás, almofadas, tapetes e móveis muito particulares. Na visita a essa casa nos foi ofertado pão sírio com pimenta e mel, servidos num tipo de pátio, espaço externo da casa. Este foi tanto um modo de degustá-la como de ser acolhida, às vezes nos refugiamos da ventania e provamos do surpreendente no ventre da terra.

**Figura 4** – Casa Berbere



Fonte: Fotografias de autoria de Valéria Cristina Pereira da Silva, março de 2018.

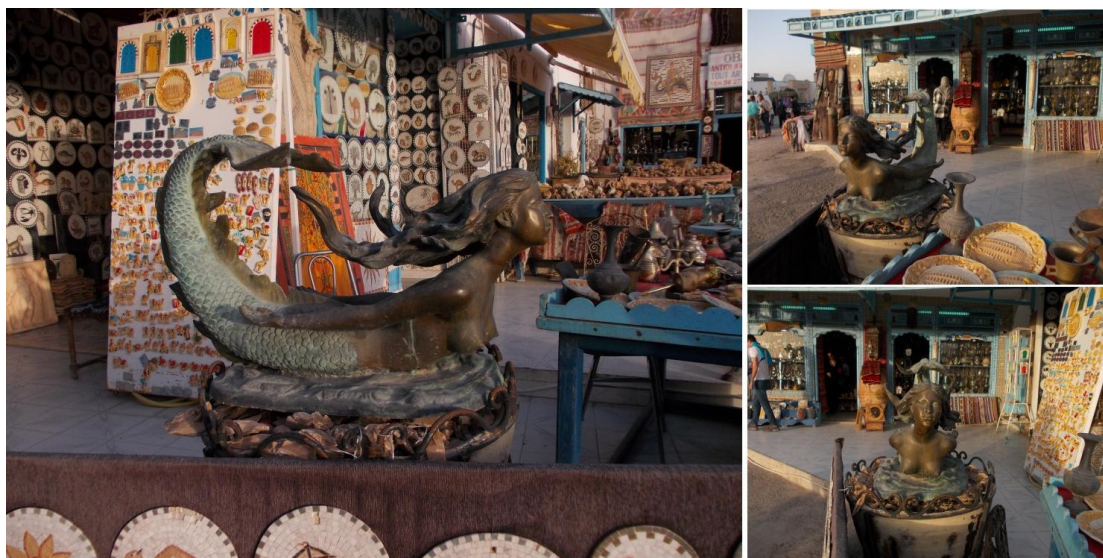
A cidade cenográfica de *Star Wars* esquecida no deserto do Saara é também uma paisagem que podia ser tomada por uma miragem, ou como dizem os tunisianos, uma aparição de *fata morgana*. Aquela região foi paisagem-cenário para várias produções cinematográficas e mesmo referência em animações como *O pequeno príncipe*<sup>15</sup>, o cinema desloca imagens de uma paisagem e as dispersam pelo mundo, mas os sentidos permanecem nos lugares. Lá encontramos mesmo aquela simpática raposinha e a rosa do deserto, cujo significado só compreendi quando vi a originária. Porém, nunca leremos o lugar do outro como o outro, por mais esforço que façamos, mas ao encontramos com o outro despertamos também um novo em nós.

A Tunísia é um arco temporal e cultural. No retorno à Hammamet uma cidade à beira-mar, ponto da partida, muitas coisas ainda foram vistas no caminho, paisagens, artefatos, habitantes, dromedários, o sol claro, as janelas coloridas e vibrantes, o céu azul como um chamado da mesquita. O canto do vento e o chamado melodioso do muezim vindo do minarete tornam a paisagem sonora de um modo envolvente, formam um dueto indelével em nossa alma e nos convidam a silenciar e meditar. Tal canto torna essas cidades tunisianas, que emanam uma claridade perene, também sonoras. Alternam entre o silêncio e o som do chamado da oração que pode ser ouvido cinco vezes ao dia em meio às ruas tranquilas de trânsito lento em que os carros param para as pessoas cruzarem.

---

<sup>15</sup> O PEQUENO Príncipe (Le Petit Prince). Direção: Mark Osborne. França: Onyx Films, On Entertainment, Orange Studio, 2015. 1 DVD (106 min.), son., color.

**Figura 5** – Sereia no Bazar



Fonte: Fotografias de autoria de Valéria Cristina Pereira da Silva, março de 2018.

No retorno, durante uma pequena pausa, chamou a atenção um artefato: uma sereia de bronze exposta num bazar, como se nadasse na direção dos passantes. Era muito bela e encantadora em sua aparência e convidava a ficar mais tempo admirando, até quando o olhar e as palavras pousassem como uma borboleta no sentido, mesmo quando já não somos Ulisses.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou relacionar o tripé geografia, viagem e literatura, apontando as relações originárias da geografia presentes na literatura e especialmente na narrativa de viagem. Apresentamos de modo simbólico *A Odisseia* como origem da geografia. A Geografia significa, assim, desde o princípio o encanto e o conhecimento por meio da viagem se consideramos os geógrafos clássicos e os poemas homéricos como a primeira narrativa geográfica, aquela em que o viajante, o espaço e o outro são temas da descoberta. De modo sintético e sincrético, buscamos relacionar a poética de Cecília Meireles, Sophia Andresen e Clarice Lispector abordando como, a partir delas, o olhar sensível do viajante pode, sem esforço, ter a qualidade do olhar que sempre buscou o geógrafo. Destacamos a importância de aliar memória e sensibilidade ao modo de olhar, sem perder de vista também o imaginário e o simbólico no processo de descoberta ou redescoberta que a viagem permite. Nesse sentido, o fundamental é que a viagem como

espaço vivido seja uma imagem que guardamos sempre na memória e que possamos aprimorar os seus sentidos, as suas qualidades e aprendizados, pois todas as paisagens são sensíveis e uma *nova viagem de descoberta* requer de nós outros modos e um novo olhar; um método que multiplique os pontos de vista em infinita polissemia e reúna sempre um feixe de sentido.

A viagem proporciona a incomensurável possibilidade de contar coisas vividas, narrar lugares e acontecimentos, encontrar com o outro e assim ampliar nossa experiência, despertar na alma a criação por meio da novidade e lançar resistência ao presente. Seguindo o percurso fenomenológico, apresentei, por fim, a narrativa de viagem à Tunísia como vivido que reúne os sentidos, a imagem e a memória. Uma viagem ao vento no Norte da África, ao mundo árabe e mulçumano, visto pela primeira vez pleno de espanto e encantamento. O olhar é esse tapete voador que nos permite conter vários mundos e toda viagem ocupa um significado único em nossa memória, a Tunísia significou uma paisagem de alteridade. Se a *Geo-grafia* como escrita do mundo dá marcha à viagem imaginária na tessitura do espaço, eu também viajei. Se a viagem aconteceu, eu não perdi a vinda. Vim ao mundo e não perdi a viagem e a própria vida não foi um percurso solitário. O retorno é a religação de mundos dentro de nós e faz com que a viagem mais importante que fazamos seja a soma de todas as viagens. Mas toda descoberta implica sempre na criação de um novo mistério que nos impulsiona a recomeçar e a seguir o vento.

## 7. REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Geografia*. Lisboa: Caminho, 2010.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Maria Aparecida. Poesia recupera amor. *Literatura e Sociedade*, n. 28, jul/dez 2018, p.44-53. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/l/article/view/152429/148998> . Acesso em 25 abr. 2020.



BRASILIANA ICONOGRÁFICA. *Alexandre Von Humboldt, artista e explorador*. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/20230/alexander-von-humboldt-cientista-e-explorador>. Acesso em 17 abr.2020.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. RJ, Petrópolis: Vozes, 1986.

BRASIL, Assis. Clarice Lispector (1925-1977). In: LISPECTOR, Clarice. *O lustre*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, p.7-10.

BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDHAL, Zeny (org.). *Geografia cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: UERJ, 2013. Vol. II.

CALVINO, Ítalo. *Seis Propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athenas, 1990.

CLAVAL, Paul. A paisagem do geógrafo. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDHAL, Zeny (org.). *Geografia cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Vol. I

DE MARTONNE, Emmanuel. *Panorama da Geografia*. Edições Cosmos, 1953.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Uma leitura de Madrugada na Aldeia. *Rev. D. O. Leitura*, São Paulo, vol. 20 n.03, p. 54-58, mar. 2002.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2008.

HOMERO, *Odisseia*. São Paulo: Editora Abril, 2010.

HUMBOLDT, *Alejandro de. Cosmos: ensayo de una descripción física del mundo*. Tomo I e II, Bélgica: Eduardo Perié Editor, 1875.

IANNI, Octavio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

JACINTO, Rui. (D) escrever a terra: Geografia, Literatura, Viagem. A Geografia de Portugal segundo José Saramago. Rio de Janeiro: *GEOgraphia*, n.33, ano 17, p.9-40, 2015.

LA BLACHE, Paul Vidal de. La géographie de l' Odyssée. *Annales de Géographie*, t. 13, n. 67, 1904, p. 21-28. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/geo\\_0003-4010\\_1904\\_num\\_13\\_67\\_6638](https://www.persee.fr/doc/geo_0003-4010_1904_num_13_67_6638). Acesso em 25 abr.2020.

LACOSTE, Yves. *Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas – SP: Papyrus, 2009.

LANGROUVA, Helena C. *De Homero a Sophia: viagens e poéticas*. Coimbra: Angelus Novus, 2004.

LÈVY, Bertrand. *Géographie et littérature: une synthèse historique*. Genève: Le Globe, vol. 146, p.25-52, 2006. Disponível em: <http://archive-ouverte.unige.ch>. Acesso em: 11 abr. 2019.

LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LUZ, Nimrod. Judaism and Tourism over the Ages: The Impacts of Technology, Geopolitics and the Changing Political Landscape. In: *Tourism and Religion: Issues, Trends and Implications*. Bristol/ING: Channelview Publications, 2017.

MEIRELES, Cecília. *Mar Absoluto/Retrato Natural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MEIRELES, Cecília. *Viagem e vaga música*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MEIRELES, Cecília. *Crônica de Viagem 1*. São Paulo: Global, 2016 a.

MEIRELES, Cecília. *Crônica de Viagem 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MEIRELES, Cecília. *Crônica de Viagem 3*. São Paulo: Global, 2016 b.

MEIRELES, Cecília. *Diário de Bordo*. Ilustrações de Fernando Correia Dias, São Paulo: Global, 2015.

MOÏSI, Dominique. *A Geopolítica das emoções*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

MORAES, Carlos Robert. *Geografia pequena história crítica*. São Paulo: Huicitec, 1995.

MORAES, Marcos Antônio de. *Três Marias de Cecília*. São Paulo: Moderna, 2006.

PIMENTA, Alberto. Viajar na palavra: até onde? In: RECKERT, Stephen e CENTENO, Yvette. K. (org.). *A viagem entre o real e o imaginário*. Lisboa: Arcádia, 1983, p.23-43.

PRADA, Cecília. O mundo visto através do prisma de um lustre. *Rev. D. O. Leitura*, São Paulo, vol. 20, n. 05, p. 27- 33, mai. 2002.

RECKERT, Stephen e CENTENO, Yvette. K. (org.). *A viagem “entre o real e o imaginário”*. Lisboa: Arcádia, 1983.

SANTI, Álvaro. A casa e seus componentes: uma leitura da obra de Cecília Meireles à luz da “poética do espaço” de Bachelard. *Letras Rev. do Instituto de letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Instituto de Letras*. Campinas, SP, – Vol. 18, n.1 / 2, p. 215-233, dez 1999.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Viagem e memória em Veneza: o imaginário da cidade entre a água e os sonhos. *Revista Memorare – Universidade do Sul de Santa*

Catarina, Tubarão - Santa Catarina, v. 4, n. 2, p. 170-191, maio/ago 2017. Especial Dossiê II “Imaginário e Cotidiano” Disponível em: [http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare\\_grupep/issue/view/243/showToc](http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/issue/view/243/showToc) . Acesso em 11 abr.2020.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. A imagem e o imaginário da cidade paradigmática: uma leitura do espaço-tempo no filme *Meia Noite em Paris*. *Revista Internacional de la Imagen*. CG Publisher. Champaign, IL, USA. vol. 2, n. 1, p. 51-63, 2015 a. Disponível em: <http://ijxes.cgpublisher.com/product/pub.218/prod.25>

SILVA, Valéria Cristina Pereira da O Circuit de Belle Dormant e a paisagem da ficção: o espaço e o tempo a partir do conto de Perrault, *Revista do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa*. ILC – Instituto de Literatura Comparada, Porto, Portugal, n. 33, p. 279-301, 2015 b. Disponível em: <http://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/issue/view/26>. Acesso em 11 abr.2020.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. *Palmas, a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010 a. 294 p.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. As cidades do tempo ausente: Brasília vista da crônica de Clarice Lispector. In: SILVA, Maria Auxiliadora da & SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da (org.) *Geografia, literatura e arte: reflexões*. Salvador: EDUFBA, 2010 b. p. 187-198.

*SOPHIA de Mello Breyner Andresen*. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <http://purl.pt/19841/1/1960/1960-2.html>. Acesso em 07 jul.2015.

Recebido em 02/05/2020.

Aceito em 28/10/2020.

Publicado em 07/11/2020.